

THOMAS BERNHARD



Dramoletes 1 / O Coveiro
Dramoletes 2 / Da Xenofobia



Rainha
TEATRO DA RAINHA

Ficha Artística

Tradução – ISABEL LOPES e FERNANDO MORA RAMOS
Encenação – FERNANDO MORA RAMOS
Dispositivo cénico – FERNANDO MORA RAMOS com a colaboração
de ANTÓNIO CANELAS e FILIPE LOPES
Iluminação – CARINA GALANTE e FERNANDO MORA RAMOS
Sonoplastia – CARLOS ALBERTO AUGUSTO
Figurinos – TEATRO DA RAINHA
Interpretação – ISABEL LOPES, ELISABETE PIECHO, CARLOS BORGES,
PAULO CALATRÉ, VICTOR SANTOS, ISABEL CARVALHO e ANTÓNIO PARRA

Ficha Técnica

Direcção de Produção - ANA PEREIRA
Direcção de construção e montagem – ANTÓNIO CANELAS
Construção – FILIPE LOPES e ANTÓNIO CANELAS
Execução das Árvores – ANTÓNIO CANELAS e FILIPE LOPES
Operação de Luz – FILIPE LOPES
Operação de Som – CARINA GALANTE
Assistente de Guarda-Roupa – NATÁLIA FERREIRA
Produção Executiva, Comunicação e Informação – VERA MARQUES
Fotografias – PAULO NUNO SILVA e MARGARIDA ARAÚJO
Design Gráfico – MARGARIDA ARAÚJO

m/12 duração do espectáculo aprox. 1h

Dramoletes 1/O Coveiro

Dramoletes 2/Da Xenofobia

Os dramoletes seguem a política da concisão máxima, são formas breves e nessa medida concentram também no veneno positivo que destilam em doses homeopáticas para cumprirem a finalidade que perseguem: a denúncia do reaparecimento hoje de formas de ideologia nazi. Veneno positivo como o que se aplica no caso da mordedura da serpente, isto é, um antídoto feito a partir

do próprio veneno da serpente, que, de facto protege e cria imunidade ao verdadeiro veneno. Os dramoletes seguem esta lógica do antídoto, verdadeira homeopatia dramática na sua pedagogia didáctica, e seguem-na com uma violência política justa e estética, dramática, que responde ao modo como o



Dramoletes 1/ O Coveiro [Mês de Maria]
ISABEL LOPES e ELISABETE PIECHO

nazismo exerce a sua barbárie sobre tudo o que são e representam o outro e os outros. São a defesa do outro pela exposição da tragédia do regresso ao mesmo, aos tempos da bestialidade e do massacre industrial. São portanto um contra veneno contra o veneno real, este ressurgimento a que assistimos de

formas ideológicas e vulgares de comportamentos nazis. Como dizia Althusser a ideologia são as ideias mais os comportamentos. Nada mais claro nestes dramoletes: a exposição dos comportamentos xenófobos mostra como certa normalidade é monstruosa. Esse é o ponto de partida destes dramoletes.

E Bernhard escreve-os optando por um teatro



Dramoletes 1/ O Coveiro [O Morto]

ELISABETE PIECHO e ISABEL LOPES



Dramoletes 1/ O Coveiro

[*A Comida Alemã*]

ANTÓNIO PARRA, ELISABETE PIECHO, ISABEL LOPES,
CARLOS BORGES, ISABEL CARVALHO e PAULO CALATRE

politicamente empenhado porque observa na sua Áustria e na próxima Baviera como as coisas parecem regredir no tempo para esse tempo de que parecíamos libertos.

Em *Dramoletes 1* estamos perante três peças localizadas numa Alemanha provinciana em que os sinais da presença da mentalidade antiga se revelam de forma despudorada. Se no *Mês de Maria*, peça que estrutura os dois espectáculos, duas beatas chegam a falar de gasear turcos num assomo de ódio xenófobo, em *O Morto*, assistimos à estranha descoberta de um morto que afinal era um conjunto de cartazes com a suástica para finalmente em *Comida Alemã*, texto de um absurdo algo surreal, verificarmos que o mal é de raiz, que está na sopa de aletria de que todos se alimentam.



Dramoletes 1/ O Coveiro

[*A Comida Alemã*]

VICTOR SANTOS, CARLOS BORGES,
ELISABETE PIECHO, ISABEL LOPES,
ANTÓNIO PARRA, ISABEL CARVALHO e
PAULO CALATRE



© paulo nuno silva

Dramoletes 2/ Da Xenofobia
[Match]

ISABEL LOPES E CARLOS BORGES

Dramoletes 2 são três peças também que novamente nos levam por esses caminhos de uma Europa que, no centro dela,

imaginávamos extinta. O outro, nos textos, é a presença constante e indesejada dos turcos, dos estudantes, dos "aliados" de outrora, que despertam nos nacionais verdadeiros ataques de xenofobia militante. E o mais estranho é que todos os que estão ideologicamente contaminados são gente muito integrada e religiosos praticantes, o polícia e a esposa de *Match*, duas beatas saídas da Igreja e de visita a um morto polémico no cemitério de *O Mês de Maria* e os senhores ministros e respectivas esposas em vilegiatura no Mar do Norte, de *Os Gelados*. E não se pode exterminá-los?

Fernando Mora Ramos

© margarida araujo



Dramoletes 2/ Da Xenofobia
[Mês de Maria]

PAULO CALATRE



© margarida araujo

Dramoletes 2/ Da Xenofobia
[Gelados]

ISABEL LOPES, CARLOS BORGES, VICTOR SANTOS E ELISABETE PIECHO

Entre a subjectividade e a cristalização ideológica

Estes dramóletes são sobre a incomunicabilidade e não sobre a comunicabilidade. São sobre a incomunicabilidade que coincide com a cristalização de pontos de vista, uma rejeição da realidade, uma visão da realidade contra ela tal como a realidade é intrinsecamente plural e múltipla, avessa a uma disciplina militarizada, a um ordenamento racista, hierárquico e homogeneizado. A militarização do espaço social é a ordem evidente da visão nazi, a educação confundida com treino militar, culto do chefe e dos mitos pátrios, o corpo deificado como expressão de uma perfeição de origem genética a que tem de se dar expressão política. E essa religião tem uma dimensão quotidiana, militante, concretizada no jogo de uma superação constante do “puro” contra o outro, o diferente, qualquer que seja, o judeu, o cigano, o negro, o estudante, o turco, o africano, mesmo o “amigo” do lado.

São sobre a incomunicabilidade e por isso correspondem como teatralidade, como jogo adequado, a um registo introspectivo ideológico e não expressivo, ou melhor, a uma solução introspectiva expressiva em que a expressão é ideológica. Falamos de uma introspecção que faz coincidir subjectividade com ideologia. Se a expressão subjectiva se encontra na singularidade, na característica de cada um, com a fragilidade e a precariedade do sujeito na sua relação com a realidade e com os outros, nestas personagens a cristalização das posições subjectivas transformam a visão pessoal numa visão ideológica – Althusser define a ideologia como “as ideias mais os comportamentos”. Eles falam ideologia em nome uma dada ficção de identidade pátria que projectam e que, no passado, arrastou o mundo para o holocausto. Foram os seus autores e soldados, inventores e assassinos, máfia operando no aparelho de Estado, usando o Estado para os seus objectivos inumanos e desumanos. Por isso neles fala essa ideologia antes de eles serem o que possa ser uma singularidade, alguém, uma pessoa, porque

neles fala, antes do eu, a ordem de uma religião de Estado, de uma religião imperial e militar de Estado.

Essa incomunicabilidade significa que comunicam sem troca de experiências ou posições ancorados na mesma visão, que expressam num jogo tautológico, apenas hierárquico. Entre eles apenas se verifica o que eles próprios pensam da humanidade: cada um deve praticar o jogo da supremacia, deve almejar o cume, o topo da ascensão, o lugar do “capo” e por isso, mesmo entre eles e apesar da identidade cristalizada de pontos de vista, há uma luta constante pela afirmação de uma superioridade de uns relativamente a outros, de um casal relativamente ao outro, do homem relativamente à mulher, da mulher relativamente à outra mulher, de um homem relativamente ao outro homem.

Entendem a sua presença no mundo como uma predestinação, como uma missão, a missão da expressão da superioridade, a missão dos “cruzados”, a conquista do mundo e a imposição de uma escravatura generalizada a todos os outros, a todos os diferentes.

Assim é também verdade que, num certo sentido, praticam solilóquios ideológicos, monologam ideologia afirmando coincidências. O que não significa que não sejam absolutamente banais e vulgares nos comportamentos, mesmo parecidos com os outros que detestam, eis a armadilha, a normalidade aparente.

O mais relevante é de facto a sobrevivência destes aspectos de mentalidade que provam a existência da possibilidade de um regresso ao passado que continuam a mitificar como um passado de heroicidades. Não só não aceitam a derrota como estão disponíveis para uma nova aventura do mesmo tipo nas condições da actualidade. São nazis e existem, existem ao ponto de na Alemanha serem objecto de estatística – em 2010, diz o relatório dos Serviços Federais de Inteligência, houve 15.905 delitos perpetrados pela extrema-direita alemã.

Fernando Mora Ramos



Thomas Bernhard na sua casa em Verlag © Erika Schmieid

www.teatro-da-rainha.com

| geral@teatro-da-rainha.com

262823302 | 966186871



Rainha
TEATRO DA RAINHA

companhia subsidiada

dgARTES DIREÇÃO GERAL
DAS ARTES



CALDAS DA RAINHA
Município do Turismo